



ÁGUA: DIREITO DA TERRA E FONTE DA VIDA

CADERNO DE FORMAÇÃO PARA A SEMANA DA ÁGUA E
PARA TODOS OS DIAS DA VIDA

**FÓRUM MUDANÇAS CLIMÁTICAS E JUSTIÇA SOCIAL
PASTORAIS SOCIAIS - CNBB**



BRASÍLIA, MARÇO DE 2016

Organização:

Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social

Elaboração:

Roberto Malvezzi (Gogó) - *Comissão Pastoral da Terra - CPT*

Ivo Poletto - *Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social*

Sugestões para uso da Cartilha

1. Leitura individual, se for a preferência
2. Leitura em grupos, em comunidades
3. Troca de ideias, reflexão crítica
4. Diálogo que leve a assumir compromissos de ação

ABRINDO A PORTA DA MENTE E DO CORAÇÃO

Num dia desses, ao avistar dona Margarida, durante a caminhada que costuma fazer pelas ruas do bairro paulistano em que mora, Lucas lembrou da sua dedicação nas lutas por água de qualidade para o bairro e decidiu puxar um papo com ela:

- Bom dia, dona Margarida! Nem quero ofendê-la perguntando se está lembrada do Dia da Água, mas gostaria de saber se há plano de fazer algo especial nesse dia.

- Bom dia, seu Lucas! Antes de responder sua pergunta, eu é que desejo saber: você ainda acha que basta termos um Dia da Água? Nós já falamos demais que todo dia deve ser dia da Água!

- De fato, estou lembrado que isso foi decidido na comunidade, quando tivemos que brigar muito para enfrentar a falta de água dias seguidos... Minha pergunta é se vamos fazer algo especial nessa Semana, já que muita gente, no Brasil e no mundo, estará ligada à água.

- Agora, sim, seu pensar está no bom caminho. É claro que vale a pena fazer algo especial em torno do dia 22, Dia da Água. Estamos desejando que o “especial” reforce o que deveremos fazer pra frente. Você está ciente de que teremos que lutar muito para que não se confirmem as previsões de que o racionamento aumentará muito daqui há alguns meses. Se ficarmos quietos, os lá de cima podem deixar a gente ter água só dois dias por semana. É isso mesmo: cinco dias da semana sem água!

- Como é que as famílias que não têm caixa d'água vão viver? Como fazer comida sem água tratada? E como viver sem água pra beber?

- Pois é isso que deveremos enfrentar. Para nós, o Dia e a Semana da Água deverão ser tempo para decidir e planejar o que deveremos fazer para evitar todo esse sofrimento que você lembrou. Temos muitas

pistas: construção de cisternas perto das casas, para colher e guardar água das chuvas; recuperação das minas de água que existiam perto dos morros, e que foram descuidadas e agredidas e que, por isso, secaram; luta para exigir caixa d'água pra todas as casas...

- É, temos muito que fazer. Gostei das notícias, e garanto que não faltarei às reuniões e que estarei sempre firme pra conseguir o que for planejado.

- Muito bem, e melhor ainda do que isso será você convencer seus vizinhos a fazerem como você. Precisamos de todo mundo. Com o que cada um pode ajudar, teremos uma força danada pra enfrentar essa tal "crise hídrica". Afinal, não faltam chuvas nem água de rios e represas. O que falta é cuidado com a natureza e vergonha na cara dos políticos e empresários, que, mesmo com uma dinheirama que não tem fim que sai dos fundos públicos, nunca limpam as águas contaminadas, nunca recuperam as matas ciliares dos córregos e represas, e por aí...

Lucas completou sua caminhada, mas agora com o compromisso assumido com dona Margarida. Começou aproveitando para convidar alguns amigos que encontrou no caminho... A gente precisa, de fato, fazer que todo dia seja dia da água.

2015 e 2016: CONFIRMAÇÃO DA CRISE HÍDRICA

Ainda existem pessoas, que se apresentam como cientistas, que defendem que as secas mais prolongadas, as enchentes mais fortes e outros fenômenos climáticos cada dia mais agravados não teriam nada a ver com as agressões ao ambiente da vida realizadas por empresas e pessoas submetidas à lógica do sistema capitalista. Segundo eles, tudo está acontecendo por conta da própria natureza. Você, vocês, nós concordamos com esse modo de pensar? Precisamos pensar e decidir logo, porque, se demormos, chegaremos tarde para mudar nosso modo de vida, comandado pela economia, e, talvez, a Terra já não consiga recuperar seu equilíbrio.

Durante muitos anos vários cientistas, ativistas ambientais e pessoas do povo, como pescadores, agricultores, comunidades ribeirinhas, indígenas, já nos alertavam sobre a destruição e poluição dos mananciais de água brasileiros.

Essas populações e pessoas, por estarem ligadas a esses ambientes vitais, já percebiam que a degradação era veloz e feroz, portanto, os problemas que aconteciam com essas comunidades um dia iriam se tornar um problema para grande parte da população brasileira.

Há pouco mais de dez anos parecia que o problema da água no Brasil se restringia à população do Nordeste brasileiro, particularmente a região Semiárida. Tanto é que nessa região a sociedade civil tomou a decisão de providenciar água potável para a população. Assim foi criado o projeto Um Milhão de Cisternas (P1MC) e depois o projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2), aproveitando a água de chuva também para a pequena produção próxima das casas.

Nesse sentido, a chamada Semana da Água que vai de 15 a 22 de Março de cada ano, inseriu esse debate na sociedade brasileira. Ela já veio inspirada no Dia Mundial da Água, celebrado exatamente no dia 22 de Março e que foi criado pela ONU. Portanto, o alerta sobre os problemas da água é mundial, não só brasileiro.

Já se falava que a falta de água causaria conflitos por seus diversos usos, tanto em nível nacional como internacional. Esses conflitos poderiam causar até guerras. Outros diziam que a água seria mais valiosa economicamente que o petróleo e que se chamaria de “ouro azul”.

Pois bem, para grande parte de nossa população que já vivia esse problema, os problemas atuais não lhe são uma novidade.

Entretanto, os problemas, desenhados em cenários, chegaram ao Brasil em 2014 e 2015, muito mais rapidamente do que se imaginava e numa magnitude que poucos imaginavam. Até as autoridades responsáveis pela governança da água no Brasil foram pegadas de surpresa. Hoje tem faltado água para milhões de brasileiros que vivem em centros urbanos, principalmente na região Sudeste. Mas, falta água também para a indústria, a agricultura e toda área de serviços, como restaurantes, bares e até serviços públicos como as escolas.

Na verdade, a população da região Sudeste está acordando, assustada, de um longo tempo de sonhos ilusórios: de achar que a derrubada quase completa da Mata Atlântica não geraria problema da água, por ser região muito úmida e que sempre contou com chuvas abundantes; de achar que a ocupação do solo por grandes empresas, cobrindo-o com monoculturas, com uso de máquinas, quantidade sempre crescente de produtos químicos e venenos, seria caminho de progresso e não causaria problemas ambientais; de achar que seria agricultura moderna a que usa água de córregos, rios, represas e poços artesianos para irrigar os plantios, garantindo a produção e lucros; por fim, de achar que espalhar esse mesmo caminho de agronegócio para outras regiões, desmatando o Cerrado e mesmo a Amazônia para aumentar a criação de bois e a produção de soja, cana-de-açúcar e outras commodities, não geraria desequilíbrios no ciclo da geração da água...

E agora, todo o Sudeste, saudado como a região de maior crescimento econômico e modelo de progresso, está sem saber como enfrentar a crise hídrica.

Portanto, é urgente tomar consciência dos problemas atuais, nos dias da Semana da Água e em todos os dias do ano. E é urgente, sobretudo, que os grandes usuários, as autoridades responsáveis e o povo brasileiro assumam uma nova ética no cuidado com a água.

Não foi por falta de aviso. Se tudo antes era cenário, agora é realidade.

Mudança de clima

Autor: *Roberto Malvezzi (Gogó)*

Interpretação: *Camila Yasmine*

*Esse calor
Não é de janeiro
Não é o verão
Não é fevereiro
Parece que o mundo
Esquentou por inteiro*

*E o nosso clima
Virou um banzeiro.
Parece que o mundo virou do avesso
Até Porto Alegre virou Teresina
Ah! quem diria
O calor de Paris agora parece Juazeiro ou Petrolina.*

*Estamos mais chiques, que coisa mais fina
Temos furacão em Santa Catarina
Ah! Quem diria!
Lampião e Maria vão ver o mar no Raso da Catarina.*

*Agora há degelo no mundo inteiro
O mar vai subir no Rio de Janeiro
Ah! Mas, que pena!
Adeus, Ipanema! Boa Viagem, praias brasileiras.*

2

A CRISE É HÍDRICA, NÃO ENERGÉTICA

Vale não se deixar enganar: a crise é mesmo hídrica, e ela tem suas causas, que podem ser enfrentadas.

A crise energética tem a ver com o que causa diminuição de água nas barragens, mas se deve mais às opções da política energética nacional.

Há sol com ótima insolação em todas as regiões, e há ventos e biomassa, e por isso é muito estranho que se continue dependendo da água e da queima de fósseis para produzir energia.

É preciso, então perguntar-se: por que continuar dependendo da hidroeletricidade?

Por que não produzimos a energia que precisamos a partir dos raios do sol?

Estamos usando com cuidado a água, um bem tão precioso, fonte de vida?

Desde o apagão de 2002, no governo Fernando Henrique Cardoso, ficou provado que o sistema brasileiro de geração de energia a partir da água não se sustenta mais. Modificamos o regime das chuvas, os volumes de água reservados estão sujeitos a estiagens mais prolongadas e mais constantes todos os anos. Tanto é que o nível de 85% dos reservatórios brasileiros em janeiro de 2015 é considerado mais baixo que o do apagão de 2002. Não é por acaso que temos problemas de abastecimento de água até para consumo humano e industrial, quanto mais para gerar energia.

O Brasil insiste em construir hidrelétricas para resolver seus problemas de energia. Hoje o cidadão comum tem claro que quem impõe a agenda de obras no Brasil são as empreiteiras. Elas financiam as eleições e depois recebem o cêntuplo com os investimentos em grandes obras. As hidrelétricas estão entre as maiores obras desse país.

Nosso desafio não é construir mais barragens, mas ter água para locupletá-las. Na data que escrevi este texto, em 2015, o nível dos reservatórios estava em média nacional girando em 20%. Portanto, há uma ociosidade de 80%. Com 50% dessa capacidade locupletada o governo e empresas do ramo estariam rindo à toa. Portanto, não é mais uma Belo Monte, uma Teles Pires, ou outra barragem qualquer que vai resolver esse desafio. Nosso problema fundamental está nas águas, não na capacidade instalada dos reservatórios.

Quem quiser a prova é só visitar a barragem de Xingó, no Baixo São Francisco. Na parede da barragem está a infraestrutura para se instalar 11 turbinas, mas só seis estão instaladas. Quando se pergunta aos técnicos porque não instalar as demais, ao contrário de construir novas barragens, a resposta é simples: não temos água para acionar onze turbinas.

Certas reportagens insistem que se outras obras estivessem feitas – Belo Monte, Teles Pires, etc. –, nós não estaríamos passando pelo problema da crise energética, originada pela crise hídrica. Portanto, para esse setor midiático, é no atraso das obras, na dificuldade dos licenciamentos ambientais, na inoperância das empreiteiras que reside o problema.

O fato é que, se hoje temos 22% de nossa matriz energética baseada nas termoeletricas, é simplesmente porque nossas hidrelétricas já não são mais capazes de garantir a energia que esse modelo de desenvolvimento demanda. Portanto, vamos construir todas as hidrelétricas da Amazônia, vamos devastar nossos últimos rios, vamos remover nossas populações, mas vamos ter que construir novas termoeletricas para garantir energia, cada vez mais cara – cortamos o consumo e a conta do mês só aumenta -, cada vez mais escassa.

A crise hídrica tem consequências para o abastecimento humano, a dessedentação dos animais (vide Nordeste e região do Rio de Janeiro), indústria, agricultura, a geração de energia e todos os múltiplos usos da água. Será que nem por amor à galinha dos ovos de ouro somos capazes de rever os rumos predadores de nossa civilização?

Enquanto isso o sol do Nordeste brilha doze horas por dia e os ventos sopram forte na costa e no sertão nordestino.

Planeta Água

Autor:Guilherme Arantes

*Água que nasce na fonte serena
do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão*

*Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população*

*Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão
E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos
No leito dos lagos*

*Água dos igarapés
Onde lara, a mãe d'água
É misteriosa canção
Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão*

*Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na inundação*

*Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que
encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra*

*Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água*

*Água que nasce na fonte serena
do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho
E deságua na corrente do ribeirão*

*Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população*

*Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que
encharcam o chão
E sempre voltam humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra*

*Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água*

*Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água*

A ESCASSEZ QUALITATIVA DA ÁGUA

A espécie humana, enredada pela civilização moderna, com sua necessidade de crescimento econômico permanente e cada vez mais concentrado nos bolsos e bolsas de quem tem poder em dólar, abusou com uma irresponsabilidade que beira a loucura, dos bens que a Terra levou bilhões de anos para criar, agrediu o ambiente criado pela Terra para tornar possível e manter todas as formas de vida.

Quando e como nos reconheceremos filhos e filhas da Terra, e agiremos como quem cuida da casa de sua família?

Falta água, ou falta água de qualidade?

E se falta, quais as causas e como enfrentá-las?

Um dos fatos que mais chama a atenção na crise hídrica de São Paulo é que, ao mesmo tempo que o sistema Cantareira está operando no volume morto, há também enchentes entrando pelas casas de vários bairros da capital paulista.

Como, então, falar de falta de água se por outro lado a população está enfrentando enchentes em suas casas?

É que a escassez de água em São Paulo é também de ordem qualitativa, não só quantitativa. É preciso lembrar que existe um outro reservatório chamado Billings, que até agora não pode ser utilizado, porque implicaria em custos vultosos para a purificação de suas águas e sua consequente distribuição para a população.

Ao mesmo tempo São Paulo é cortada pelos rios Tietê e Pinheiros. Praticamente toda a água das enchentes são drenadas na direção desses rios. Entretanto, a água desses rios também não pode ser utilizada para consumo humano exatamente por falta de qualidade.

Portanto, a água está ali, próxima, mas imprópria não só para consumo humano, mas também para outros usos domésticos.

Claro que o aproveitamento dessas águas dependeria de novas obras, como barramentos e toda infraestrutura de captação e tratamento antes de ser despejada na rede pública. Mas, o que não se pode negar é que água há, o que não há é qualidade para ser usada.

O problema da escassez qualitativa de água raramente é colocado no debate público, embora se fale muito na escassez quantitativa. Porém, mananciais poluídos por dejetos domésticos, industriais, agrícolas, hospitalares, se transformam num problema, não numa solução.

É preciso lembrar ainda que nossos serviços de água urbanos tratam a água apenas do ponto de vista bacteriológico, mas não da chamada “contaminação fina”. Essa contaminação inclui metais pesados, hormônios e até antibióticos. Se esse tipo de exame fosse feito em todas nossas águas, talvez a surpresa da escassez qualitativa seria ainda maior.

Muitos países do mundo passaram a tratar de forma rigorosa seus dejetos domésticos, industriais, agrícolas e hospitalares. Assim melhoraram a qualidade de suas águas. Há casos exemplares, como a recuperação do rio Tâmis na Inglaterra ou do Loire na França. Eles também chegaram à situação de caos, mas hoje são corpos d’água revitalizados, senão na sua originalidade total, ao menos para poderem ser utilizados sem medo.

O Brasil ainda está longe de ter uma ética de cuidado com seus mananciais. Esses problemas que estão acontecendo em toda região sudeste poderiam nos servir de alerta, mas não temos certeza que realmente haverá uma reação positiva por parte das autoridades e também da população. O descaso evidente com a morte do rio São Francisco nos faz duvidar que as evidências e a dureza dos fatos possam mudar a política posta em prática até agora.

Assim, o país que já foi um dos mais ricos de água do planeta, seja por destruição ou por poluição de seus mananciais, vai se tornando um país da seca e da sede.

Mandamentos Ecológicos do Pe. Cícero

Adaptação e melodia: *Roberto Malvezzi (Gogó) / Targino Gondim*

Interpretação: *Targino Gondim e Roberto Malvezzi (Gogó)*

Refrão

*Moço, a coisa tá feia
Se a gente não fizer o certo
Padim Ciço também já dizia
O sertão vai virar um deserto.*

I

*Não corte um só pé de pau
Não toque fogo no mato
Deixe os bichinhos viverem
Maneje os bois e os bodes
Dê um descanso, seu moço,
Pra terra e pro pasto.
Aio, aio, aio, io, ioo...*

II

*Não plante em serra acima
Nem plante ladeira abaixo
Deixe que o mato proteja
O ventre da fecundidade
Prá a água não levar de arrasto
A sua fertilidade.
Aio, aio, aio, io, ioo...*

III

*Aproveite a água da chuva
Tenha a cisterna na casa
Represe o rio e riacho
Plante sempre uma árvore
Caju, sabiá, umbuzeiro
Mulungu, Ingá, Juazeiro.*

IV

*E assim se deve fazer
E o sertão irá sempre viver
Se tudo for desmatado
Nada será tão errado
O futuro é mais do que certo
E o sertão vai virar um deserto.*

4

A IMPORTÂNCIA E A RUPTURA DO CICLO DAS ÁGUAS

Cresce o número de pessoas que se dão conta que já não chove como antigamente.

Percebem, sem entender, que chove intensamente num lugar e falta água em local próximo.

Preocupados, querem entender por que já há seca também na Amazônia.

É dolorosa a notícia de que a Amazônia já não tem tanta umidade na atmosfera, formando um grande e poderoso rio aéreo, e não consegue enviá-la para o Sudeste e outras regiões da América do Sul.

Se dialogarmos sobre tudo isso com a Mãe Terra, ela com certeza nos dirá: “você provocaram o rompimento do ciclo das águas”.

O que faremos para recuperar a relação amorosa com a Terra, respeitando seu direito de ter água para manter-se viva e ser fonte de vida?

Quando éramos crianças e estávamos no ensino médio, nos ensinavam o ciclo das águas. Parece uma descrição abastalhada, como se diz aqui pelo Nordeste, mas é fundamental nos dias de hoje.

A professora nos ensinava que o sol aquece os oceanos e outros corpos d'água, o calor a muda para vapor de água (estado gasoso), que sobe para a atmosfera, que é empurrado pelos ventos para os continentes, que depois vai cair em forma sólida (granizo, neve, etc.) ou líquida, as chuvas.

Uma parte se perde por evaporação. Outra escorre alimentando os corpos de água de superfície, para os rios, daí para o mar. Outra parte penetra na terra, formando os reservatórios subterrâneos.

Um estudo pouco mais elaborado vai nos dizer que, se as chuvas caem em terreno coberto por vegetação (florestas), as árvores ajudam a amortecer o impacto da precipitação nos solos. Ela ainda retém o fluxo das águas, desacelerando-o. Quando é assim, o solo sendo poroso, cerca de 60% dessas águas podem penetrar e ficarem armazenadas no subsolo. São essas águas que depois vão alimentar a chamada vazão de base, que garante a perenidade de alguns corpos d'água de superfície.

Se o solo é compacto então cerca de 80% escorre rapidamente para as partes mais baixas, causando inundações repentinas. Essa água que se perde depois vai fazer falta para alimentar nossos rios.

Mesmo tendo cobertura vegetal, se o subsolo não for favorável, como o cristalino aqui do Semiárido, então a água pouco penetra. É por isso que não temos rios perenes nascidos aqui na região, a não ser o Parnaíba, exatamente porque ali está uma parte de solo poroso, que forma o aquífero do Gurguéia.

Temos pequenas nascentes em partes altas, nos chamados “Brejos de Altitude”. Por isso temos que armazenar água em açudes artificiais, de superfície, além das cisternas caseiras, barreiros, barragens subterrâneas e tantas outras tecnologias sociais criadas pelo povo e aperfeiçoadas na luta pela convivência com o Semiárido.

O ciclo das águas desperta ainda o “cio da Terra”. Em regiões como aqui no Semiárido, a caatinga que parecia morta reverdece, ressurgem nuvens de insetos, as flores se espalham de forma belíssima, os animais parecem sair do nada, como se fosse uma verdadeira ressurreição.

Meus amigos criadores de bode dizem que até as cabras entram no cio.

Portanto, sem o ciclo das águas a vida não se renova, os reservatórios não se reabastecem e o que era cheio de vida pode se transformar num deserto.

O problema maior do Brasil nesse momento de diminuição das chuvas reside exatamente aí: para muitos especialistas estamos causando a “ruptura no ciclo de nossas águas”. Por um detalhe que merece atenção, isto é: parte do nosso ciclo de águas se origina na floresta amazônica, não só nos oceanos. Então, uma vez derrubada a floresta – numa área igual a três vezes o estado de São Paulo -, diminui automaticamente a produção de vapor de água, o rio aéreo diminui e, mesmo com a

ajuda dos ventos, não consegue chegar abundante no Sudeste e outras regiões, onde já não existe a Mata Atlântica, a floresta de pinhais, a vegetação do Cerrado.

Outro elemento fundamental é que o Cerrado, ocupando a parte central do país, fazia o papel de armazenador de nossas águas, depois distribuindo-as para várias bacias brasileiras. Com a derrubada da vegetação, mais compactado, ele está perdendo capacidade de armazenar águas e depois alimentar os rios perenes, como é o caso do São Francisco.

Causa espanto que tantos peritos em água só falem em expandir seu consumo, ou ir buscá-la mais longe para abastecer grandes centros, como São Paulo. O raciocínio é feito pela metade, sem capacidade de olhar sistemicamente nossos ciclos das águas e está nos conduzindo ao caos. Está apenas adiando a solução e causando problemas futuros em mananciais que também irão se esgotar se não forem preservados.

O Prof. Antônio Nobre (INPE) afirma que precisaríamos de um esforço de guerra para recuperarmos a eficiência de nosso ciclo das águas, replantando em áreas de encostas, margens de rios, quem sabe em trechos inteiros de bacias hidrográficas. Precisaríamos ainda, não só deter o desmatamento amazônico, mas começar a recuperação da floresta enquanto há tempo. Já para o Prof. Altair Salles (PUC Goiânia), o Cerrado não tem mais recuperação. Para o Prof. José Alves (UNIVASF) o São Francisco está inexoravelmente condenado à morte.

Mas, nada parece comover aqueles que impõem a destruição para satisfazer seus interesses imediatos. Retomando a metáfora do Titanic, a classe A dança e ouve orquestra enquanto o navio afunda.

Água de Chuva

Autor: Roberto Malvezzi (Gogó)

*Colher a água
Reter a água
Guardar a água
Quando a chuva cai do céu.
Guardar em casa
Também no chão
E ter a água se vier a precisão.*

*No pé da casa você faz sua cisterna
E guarda a água que o céu lhe enviou
É dom de Deus, é água limpa, é coisa linda
Todo idoso, o menino e a menina
Podem beber que é água pura e cristalina.*

*Você ainda vai lembrar dos passarinhos
e dos bichinhos que precisam de beber
São dons de Deus, nossos irmãos, nossos vizinhos
Fazendo isso honrará a São Francisco,
A Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero.*

*Você ainda vai lembrar que a seca volta
E vai lembrar do velho dito popular
“É bem melhor se prevenir que remediar”
Zelee os barreiros, os açudes e as aguadas
Não desperdice sequer uma gota d’água!*

O Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social articula Pastorais Sociais da CNBB, Movimentos Sociais e Entidades da sociedade civil parceiras da Misereor – organismo de apoio ao desenvolvimento da Igreja Católica da Alemanha, e outras entidades comprometidas com a causa. Tem como objetivo disseminar informações, gerar consciência crítica e mobilizações da cidadania visando contribuir no enfrentamento das causas estruturais do Aquecimento Global que provoca Mudanças Climáticas em todo o planeta Terra.

Atualmente são parceiros do Fórum as seguintes entidades:

Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA)
Cáritas Brasileira
Centro de Assessoria de Iniciativas Sociais (CAIS)
Comissão Pastoral da Terra (CPT)
Conselho Indigenista Missionário (CIMI)
Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP)
FASE
FIAN-Brasil
Jubileu Sul Brasil
Koinonia
Movimento de Educação de Base (MEB)
Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)
Movimento de Pequenos Agricultores (MPA)
Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST)
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
PACS (Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul)
Pastorais Sociais - CNBB
Pastoral da Ecologia da Arquidiocese de São Paulo
Via Campesina
International Rivers

Organização:



Fórum
Mudanças Climáticas
e Justiça Social



CNBB

Apoio:

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Endereço:

SGAN 905, Conj B, Sala 03 – Brasília – DF, CEP: 70790-050

Telefones: 61 3447 8722 e 61.8202 2564

e-mail: fclimaticas@gmail.com

site: www.fmclimaticas.org.br